



REVISTA  
**GATILHO**

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

## **Trauma e memória: Rastos e resíduos na obra de Jorge Andrade**

Táscia Oliveira Souza\*

RESUMO: O discurso da memória do trauma, abordado por Andreas Huyssen no livro *Seduzidos pela memória*, é o ponto de partida para esse trabalho, que pretende ilustrar o tema com o texto de *Rasto atrás*, peça escrita por Jorge Andrade que explora a representação do processo mnemônico, a partir da fragmentação e da desconstrução, e discute o papel do escritor enquanto intelectual.

Palavras-chave: Rasto; Memória; Trauma.

O discurso da memória do trauma, abordado por Andreas Huyssen no livro *Seduzidos pela memória*, é a base primordial da análise do texto de *Rasto atrás*, peça escrita por Jorge Andrade que explora a representação do processo mnemônico, a partir da fragmentação e da desconstrução, e discute o papel do escritor enquanto intelectual. Os conceitos de *arquivo* e *arqueologia* vêm complementar – no sentido derridiano – a discussão, comparando a memória a um palimpsesto, feita de camadas que não seguem uma lógica nem uma seqüência cronológica e linear. O texto de Jorge Andrade cumpre, portanto, três funções: a de reiterar a preocupação com o passado em pauta constante na atualidade, inclusive com a crescente musealização do mundo; a de metaforizar, pela estrutura fragmentária, o funcionamento mnemônico; e a de apontar os caminhos do

---

\* Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora

intelectual quanto ao seu ofício dentro de uma sociedade na superação (recordação/esquecimento) de um trauma.

O passado transforma o presente ou o presente muda o olhar sobre o passado? Na verdade, trata-se de uma relação sempre em via dupla, através da qual os acontecimentos e sentimentos atuais são justificados por circunstâncias de outrora, mas que, ao mesmo tempo, constrói e modifica a própria lembrança a partir da reelaboração do entendimento de fatos acontecidos anteriormente pela consciência do hoje. Voltar ao arquivo da memória é também confundi-la, reconstruí-la sobre os resíduos deixados no presente.

O funcionamento dos arquivos da memória talvez seja um dos temas mais complexos para a compreensão da vida humana. Assunto recorrente na atualidade, essa preocupação com o passado entra em conflito com a velocidade e dinamismo das transformações que apontam cada vez mais eloqüentes em direção ao futuro. Tal deslocamento de foco só se iniciou na segunda metade do século XX, momento da descolonização, dos discursos escatológicos – fim da história, morte do autor, fim da obra de arte... – e da tentativa de superação do trauma deixado pelas duas guerras mundiais.

Contudo, é preciso compreender que o esquecimento não passa de uma peça pregada pela lembrança. Superar um acontecimento traumático, para essa sociedade de culto ao passado, não é simplesmente esquecer-lo, mas conviver com ele, pois o inconsciente jamais se renuncia a apropriá-lo, detê-lo, retê-lo, reinterpretá-lo (cf. DERRIDA, 2001, p.7).

De certa forma, essa nova visão de mundo, voltada para a memória, leva ao que Andreas Huyssen (2000, p.28), retomando um conceito de Lübbe, chama de *musealização*.

O que Lübbe descreveu como musealização pode agora ser facilmente mapeado com o crescimento fenomenal do discurso da memória dentro da própria historiografia. A pesquisa sobre memória histórica alcançou escopo internacional. A minha hipótese é que, também nesta proeminência da mnemo-história, precisa-se da memória e da

musealização, juntas, para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço.

A obra de Jorge Andrade é marcada pelo trauma do problema de relacionamento com o pai. Em *Rasto atrás*, peça de nuances acentuadamente autobiográficas, isso aparece de maneira ainda mais forte: Vicente, o protagonista, incompreendido por João José, abandona a casa paterna na juventude para seguir em busca da vocação de escritor. No entanto, embora tente romper com os laços, as lembranças o atormentam de tal modo que se torna imprescindível voltar – *rasto atrás* – para dar sentido à própria vida.

A confirmação dessa necessidade urgente não se encontra somente em *Rasto atrás*. Em outra de suas peças, *Pedreira das Almas*, o dramaturgo confessa, na fala da personagem Urbana: “Não se pode cortar o passado, ele nos acompanha para onde vamos” (1986, p.86). Por isso, pode-se dizer que o retorno ao interior, a viagem de São Paulo à casa da família em Jaborandi, empreendida por Vicente, é, de fato, uma viagem ao “interior”, aos recônditos da própria memória. O personagem segue os próprios passos à caça de um mundo perdido, de uma infância traumática onde espera encontrar respostas para o sofrimento presente. Vicente, o alterego, repete o que o dramaturgo real empreendeu ao seguir o conselho de Arthur Miller, quando foi estudar dramaturgia nos Estados Unidos: “Volte para o seu país e procure descobrir por que os homens são o que são e não o que gostariam de ser e escreva sobre a diferença” (ANDRADE, 1986, p.11). Como ele mesmo constatou depois,

Para escrever sobre um meio, é necessário senti-lo até no sangue, e não poder viver nele. Assim como para escrever sobre um ser humano é necessário compreendê-lo, a ponto de amá-lo... e não pode fazer nada por ele – às vezes nem mesmo suportá-lo. (ibidem, p14)

As palavras de Miller refletem o papel do escritor como observador da vida, possibilitando o escoamento da memória do trauma – contra a qual não se pode fazer nada, nem ao menos suportá-la – e sua reflexão no presente para transformação no futuro. Embora a recordação não possa ser uma substituta da justiça e a justiça também seja passível de envolver-se na falta de credibilidade da memória, uma vez que esta não é mais do que uma atualização do presente, a sociedade a quem se destina o discurso do intelectual necessita desse amparo para converter a experiência dolorosa a seu favor.

Assim, a dramaturgia de Jorge Andrade, de gestação sofrida como a de qualquer obra com esse intuito de revisão de valores esvaziados, longe de celebrar o passado, “musealiza-o” para criticá-lo, para se libertar não do sofrimento que ele causou, mas dos efeitos que sua repetição ainda pode vir a provocar (cf. HUYSSSEN, 2000, p.36). Todavia, essa função do intelectual nem sempre – ou quase nunca – é entendida. O texto de *Rasto atrás* não pode ser interpretado somente como o drama de um jovem ferido pela incompreensão de seu pai, mas sim como o do escritor que não consegue se comunicar com a sociedade sobre a qual escreve e à qual se dirige.

É o que revela a passagem em que Vicente e sua esposa, Lavínia, discutem sobre o fracasso de uma obra do dramaturgo:

LAVÍNIA: Sua peça não fracassou. Só porque meia dúzia de idiotas não compreendeu você, não justifica que julgue seu trabalho um fracasso.

VICENTE: Você está invertendo os dados, Lavínia. Foi meia dúzia que me compreendeu. E minha peça contava verdades de nossa gente. Verdades que presenciei quando morava na fazenda. Cada pessoa que saía do teatro fazia-me sentir como se meu trabalho fosse gratuito, inútil. Parecia que havia destruído um mundo em mim, e que não conseguiria substituí-lo. Eu sei que o fracasso também é positivo, mas quando se tem coragem de voltar-se para dentro de si mesmo e avaliar os erros que cometemos. Devo aproveitá-lo para entender-me... e criar alguma coisa. Para isso preciso compreender esse passado e me libertar. (ANDRADE, 1986, p.460)

Vicente, portanto, é a encarnação de toda a geração pós-guerra (o texto foi escrito em 1965) e seu trauma representa o de toda essa geração. Na peça é abordado o drama da marginalidade do escritor e do intelectual, cujo saber, inicialmente sujeitado e hierarquicamente inferior ao do pai, insurge-se contra ele (cf. FOUCAULT, 1999, p.11-2). Trata-se de uma marginalidade oposta inclusive àquela também comum na obra de Jorge Andrade, a das personagens englobadas na metáfora recorrente do relógio parado ou na do trem, símbolo do progresso no início do século XX, ultrapassadas pelo tempo e incapazes de se adaptarem à realidade por sonharem com um passado irrecuperável, como as tias de Vicente:

JESUÍNA: (*Ouvindo o apito do trem*) Não está atrasado trem, senhor Pacheco?

PACHECO: (*Guarda o relógio*) Como sempre.

JESUÍNA: Igualzinho ao nosso relógio. Só tem tamanho. Pensei que o serviço houvesse melhorado.

PACHECO: O que nasce torto não tem conserto.

JESUÍNA: De primeiro andávamos de trole e havia tempo pr'a tudo. Há tanta velocidade perigosa por aí, e ninguém acha tempo nem pra visitar os outros. (ANDRADE, 1986, p. 464)

Ao contrário desse grupo, o autor e artista, cuja imagem, em uma cena, reflete-se no vidro do relógio, é quem ultrapassa o tempo.

Por conta disso, Vicente cumpre, no enredo, a obrigação moral que todo intelectual tem de sair de casa, de se afastar do que lhe é familiar – e ao mesmo tempo, estranho, *humheimlich* (cf. FREUD, s/d, p.1) –, de ir para o exílio.

(...) o exílio, enquanto condição *real*, é também (...) uma condição *metafórica*. (...) Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre inquieto e causar inquietação nos outros. (SAID, 2005, p.60).

Inversamente ao que proclama João José, ao afirmar que o filho não é artista, pois não precisa “pintar a cara p’ra escrever” (ANDRADE, 1986, p.524), a escrita é a máscara do escritor. É através dela que Jorge Andrade esfacela o tempo e transforma o palco em “espaço interno” da mente das

personagens. *Rasto atrás* desconstrói para reconstruir. O cruzamento de diferentes tempos que se alternam traçam o rasto que Vicente precisa percorrer à procura da origem do conflito. O encontro do protagonista aos 43 anos com seus outros eus – aos 5, 15 e 23 – remete à idéia do palimpsesto, ou mesmo do sítio arqueológico em que as diferentes idades são como camadas que precisam ser escavadas em busca da própria função do intelectual.

A estrutura entrecortada da peça, cheia de digressões e progressões, ilustra o funcionamento da memória, não-linear por natureza. Segundo Eneida Maria de Souza (2002, p.22),

(...) Beatriz Sarlo acredita na força do passado como referência para as transformações do presente, pelo rastreio não da idéia de origem, mas das "cicatrizes deixadas pelo passado no presente". O conceito de memória, entendido como registro lento e profundo do vivido, contrapõe-se à estética do *zapping*, tempo em saltos, pela veloz aparição e desaparecimento das imagens.

Essa é justamente a estética utilizada em *Rasto*, através de uma complexa estrutura de anulação do tempo e simultaneidade do espaço, na qual as mudanças de ambiente são determinadas por projeções de *slides* e pela sonoplastia:

Ouvem-se, distantes, dezenas de latidos de cães, entrecortados pelo som de uma buzina. O som da buzina funde-se com o apito do trem. (...) O apito do trem se transforma, lentamente, em som de buzina de caça. Voltam os latidos dos cães. Vicente e Lavínia desaparecem. À medida que aumentam os latidos dos cães e se acentua o som da buzina, corta-se o filme [da estação]. A projeção de "slides" coloridos sugerindo uma floresta ambiente abstratamente a cena (...). (ANDRADE, 1986, p.461)

O próprio título, referente à metáfora da caça que corre rasto atrás, confundindo suas pegadas, para enganar o caçador, ressalta os recuos temporais na consciência de cada personagem, obrigando o leitor/espectador a defrontar-se com a presença traumática do passado no momento atual.

Com uma obra moderna que vai além da própria modernidade, Jorge Andrade consegue ser, simultaneamente, poeta *do ontem* e poeta *de hoje*.

A metáfora da caça que corre rasto atrás para confundir seu caçador é a confirmação de que o passado não é mais do que uma atualização feita pelo olhar do presente. Jorge Andrade escreveu o drama de seu tempo: na pele de Vicente, o dramaturgo incompreendido pelo pai e pelo público, reflete-se o conflito de uma sociedade fragmentária que precisa recorrer ao passado porque esvaziou-se de tradições.

Inserido no discurso mnemônico do trauma, o intelectual contemporâneo, encarnado em Vicente, vê-se diante de sua função primordial: a de exilado em seu próprio meio e também fora dele, a de estranho num mundo que lhe é estranho, obrigado a confrontar-se criticamente com o passado de modo a apontar caminhos para o futuro.

*Rasto atrás* não é simplesmente uma peça sobre passado e memória; é, antes de mais nada e acima de tudo, uma reflexão sobre as marcas deixadas pelo sofrimento, com as quais é difícil conviver (necessidade de esquecer), mas sem quais é impossível continuar (condenação a recordar).

## **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1986, p.457-526.

DERRIDA, Jacques. *Mal do arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. Aula de 7 de janeiro de 1976. In: ---. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. *O estranho*. [s.n.i.], [s/d].

HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: ---. *Seduzidos pela memória: arquiteturas, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.